

(RE)ARRANJOS SOCIAIS E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DO PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE

Hermínia Maria Martins Lima Silveira (UFMG)¹

Resumo: Este estudo, à luz de uma abordagem discursiva em interface com a psicanálise, propõe investigar o discurso de sete professores que atuam em turmas de ensino básico de uma escola pública localizada no interior de Minas Gerais cujo público discente, em grande parte, é oriundo de comunidades rurais. Para a pesquisa, admite-se que existem novas² formas da sociedade contemporânea se organizar, novas maneiras do sujeito se relacionar com o espaço e o tempo, novas formas de fazer laço social, ou seja, o que se tem é uma sociedade da supremacia do imaginário e empobrecimento na palavra, do simbólico, sociedade narcísica, teatral, cuja *performance* do sujeito adquire destaque na cena social, no movimento de sedução, de objetualização do outro em prol de satisfação pessoal. É sob essa perspectiva que se pretende refletir a respeito do surgimento de novas imagens de si do professor, de novas representações, de novos modos de subjetivação do professor na atualidade. Tendo em vista os objetivos propostos, o *corpus* foi construído a partir, no primeiro momento, da realização de entrevista individual de natureza semiestruturada que permitiu ao professor falar e refletir sobre si, sobre o seu fazer em sala de aula e sobre ser professor na atualidade. No segundo momento de encontro com os professores, foram realizadas rodas coletivas de conversa com propósito de interrogar os discursos cristalizados presentes nas entrevistas, colocar em xeque as identificações do grupo atravessadas pelo imaginário coletivo e possibilitar a emergência de dizeres silenciados nas entrevistas. Para tanto, alguns questionamentos se apresentaram pertinentes para este estudo: De que maneira se configuram as relações professor-aluno nessa nova dinâmica social? Houve um esvaziamento simbólico e imaginário da função de professor enquanto autoridade? Como é construída a relação dos docentes com os discursos das políticas pedagógicas do campo educacional?

Palavras-chave: Subjetivação. Contemporaneidade. Professor.

¹ Professora do Núcleo de Letras do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. Doutoranda em Linguística do Texto e do Discurso pela Faculdade de Letras da UFMG. Pesquisadora do grupo de pesquisa LEPSI (MG), do NAD (Núcleo de Análise do Discurso). Email: hemartinlima@yahoo.com.br.

² Vale esclarecer que o sentido pretendido para a palavra novo está relacionado à ideia de mudança, transformações, sem deixar de considerar a existência de um antes, de um “velho”. Portanto, trata-se de pensar o novo como processo, transitoriedade, como continuidade.

Considerações iniciais

Torna-se público parte das discussões já desenvolvidas em uma pesquisa mais ampla de doutoramento que se encontra em processo de conclusão. Trata-se de um trabalho cujo corpus é formado por um grupo de sete professores que atuam em uma escola pública localizada em um pequeno distrito do interior de Minas Gerais, sendo ela a única escola desse lugar. Os discentes dessa escola são, em grande maioria, provenientes de diferentes comunidades rurais que circundam o vilarejo e, portanto, muitos desses estudantes necessitam do transporte público escolar, circulando em estrada de terra, para ter acesso à escola.

Se por um lado, há uma macroestrutura social na qual os sujeitos vivem a cultura do shopping center, do fast-food, das tecnologias de informação, das relações virtuais, por outro; podemos verificar uma microestrutura em que os sujeitos ainda não estão totalmente inseridos no mundo virtual, muitos não têm acesso à internet, aos meios de comunicação em rede, a maioria não tem celular ou computador, alguns nunca frequentaram um shopping center ou experimentaram produtos das grandes redes de fast-food. É nesta cena social, atravessada pelas representações imaginárias, pelos discursos da “pós-modernidade”³, em que os professores participantes dessa pesquisa encontram-se inseridos e constituem suas subjetividades.

O que é ser professor na atualidade? Esse questionamento foi o “carro-chefe” dos encontros individuais, entrevista semiestruturada com os participantes da pesquisa, e do primeiro encontro coletivo, roda de conversa, de um total de quatro encontros realizados, no período de um mês, com o grupo de professores. Vale esclarecer que os recortes discursivos apresentados aqui foram retirados das entrevistas realizadas individualmente com os professores.

³ Há um cenário social diferente, nomeado de formas diferentes por alguns estudiosos no assunto; modernidade tardia, supermodernidade, modernidade reflexiva e pós-modernidade. Zigmunt Bauman – O mal-estar na pós-modernidade; Anthony Giddens – As consequências da modernidade; Georges Balandier – Le grand dérangement; Ulrich BECK – **Modernização reflexiva Política, tradição e estética na ordem social moderna**. Dito isso, não se pretende neste trabalho polemizar a questão acerca da nomeação do cenário atual no qual estamos inseridos, isto é, se se trata de uma sociedade pós-moderna diferente da moderna ou se ainda estamos vivendo uma fase da sociedade moderna. Dessa forma, o termo pós-modernidade é usado aqui para se referir ao momento social, histórico no qual estamos inseridos. Ainda, entendemos que parece não haver necessariamente uma ruptura entre estes dois momentos; modernidade e pós-modernidade, mas uma relação que os coloca sempre em confronto, no sentido de olhar para um período tendo como referência o outro.

Na atualidade, há diferentes discursos em diversos campos da sociedade sobre a profissão docente que atravessam e constituem a imagem de ser professor; perda do prestígio social da profissão, falta de políticas de valorização financeira da carreira, desresponsabilização das famílias que parece justificar uma não referência familiar na educação dos filhos, perda de autoridade docente, facilidade de acesso a informações por meio de tecnologias que “roubam” o lugar do professor como aquele que professa o saber, excesso de violência nas escolas, bombardeamento de discursos político-pedagógicos sobre o fazer docente, entre outros.

Parece que estamos vivendo um momento em que esses discursos tanto de caráter individual quanto da ordem do coletivo contribuem para interrogarmos o papel da escola na sociedade, os novos rumos da educação e o futuro da profissão docente. Nesse sentido, muitas pesquisas sobre o padecimento físico e psíquico do professor, sobre as causas e consequências de atos violentos nas escolas, sobre a relação entre professor e aluno estão em voga nos discursos das academias e também nos discursos midiáticos, nestes discursos parece haver um tom de vitimização dos professores, de pessimismo em relação ao futuro da educação escolar.

Considera-se aqui que o discurso é um acontecimento único, singular, que irrompe em dado momento histórico e social. Assim, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...) pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação” (PÊCHEUX, 2012, p. 43). O discurso é uma categoria fundante do sujeito, da subjetividade. O discurso é soberano e prisioneiro e está em relação direta com o sujeito, com os elementos da história que o possibilitam, que “marcam” a existência do discurso.

O homem, considerado ser da fala, encontra-se mergulhado em um sistema simbólico, ideológico, cultural, antes mesmo de nascer, e, portanto, padece das determinações impostas pela linguagem a partir das relações estabelecidas com a realidade a sua volta. Logo, a realidade é construída e delimitada discursivamente e o sujeito só o é enquanto ser de linguagem; “(...) sou eu que falo, que só posso falar de onde estou, identificado a um puro significante” (LACAN, p.45, 2008b). Nesse sentido, a subjetividade é construída num processo de (re)formulação, deslocamento, (re)significação de múltiplas identificações na tentativa de construir o sujeito.

O que interessa é, juntamente com Pêcheux, pensar o sentido como não totalitário, mas como produzido no “non-sens”, na possibilidade do não sentido, cujos movimentos discursivos produzem efeitos de sentido nas relações entre o fio do discurso - o

intradiscurso-, ou seja, “o funcionamento do discurso em relação a si mesmo” (PECHEUX, 2009, p. 153) com o interdiscurso, o já-dito, a memória discursiva, num movimento polifônico, heterogêneo. É sob a possibilidade de entrelaçamento das perspectivas da análise do discurso de linha francesa e da psicanálise freudo-lacanianana que o olhar da pesquisadora para realização dos gestos de interpretação dos dados desta pesquisa foi guiado.

A docência na contemporaneidade

Se na década de 60 os professores, em sua maioria, pertenciam as camadas média e alta da sociedade, com o processo de popularização do ensino, houve um aumento significativo do número de escolas, conseqüentemente, de demanda de profissionais, que passaram a ser recrutados de diferentes classes sociais, inclusive a classe baixa da sociedade. Essa realidade desenhou um novo panorama profissional, pois os professores que até então eram filhos da nobreza, agora são oriundos de diferentes estratos sociais menos privilegiados, o que os aproxima, os iguala aos seus alunos.

Surge, então, um professor que parece sentir-se fragilizado por não sustentar mais a imagem de indivíduo distinto dos demais, já que há perda do sentimento de pertencimento a um grupo socialmente privilegiado. Esse cenário refletiu marcadamente no campo educacional e provocou o enfraquecimento da imagem de professor da atualidade em relação ao professor do passado; mestre respeitado socialmente, dono do saber, digno de reverências. O discurso de enfraquecimento da imagem desse profissional é recorrente nos dizeres dos professores durante as entrevistas e também se confirma em algumas pesquisas orientadas pela psicanálise aplicada à educação.

O professor encontra-se radicado num complexo dilema em relação a sua profissão; de um lado temos o sujeito que, numa sociedade republicana de iguais, se iguala ao outro, neste caso, aos estudantes, e de outro, o sujeito que necessita reforça a imagem de ser diferente, superior aos demais, no intuito de fazer perdurar a imagem de “mestre” (PEREIRA, 2009).

Sabe-se que as constantes mudanças ocorridas na sociedade moderna suscitaram uma reflexão a respeito das diferentes formas da sociedade se organizar, das pessoas se

relacionarem com o espaço e com o tempo. O que se tem é uma sociedade considerada como “sociedade do espetáculo” (Debord, 2003), em que o indivíduo deseja estar em cena, ser o protagonista desse espetáculo narcisista, centrado na figura do eu, cuja *performance* do sujeito adquire destaque na cena social, no movimento de sedução, de objetualização do outro em prol de satisfação pessoal.

Avançando nessa discussão, o advento da globalização, a chegada da internet e de novas tecnologias permitiram a circulação da informação, da imagem em larga escala e sem fronteiras, do consumo exagerado, do fetichismo das mercadorias e de busca da felicidade a qualquer custo, sempre alimentada pela ilusão de completude do sujeito. Nesse sentido, há por parte do sujeito uma tentativa de inclusão, de aceitação nesse ambiente capitalista, mercadológico - de puro gozo.

Desinvestidas simbolicamente, as instituições sociais (Escola, Família, Estado, Prisão) são questionadas pelo sujeito contemporâneo. Os discursos responsáveis pela ordem social estão sendo desmantelados, dessa forma, a ausência de um “enunciador coletivo”, de uma instância reguladora provoca ao mesmo tempo o imperativo de novos discursos ordenadores, mas estes, tão logo se apresentam em número significativo, de forma nebulosa, não conseguem coexistir e se manter por muito tempo na posição de ordenador. Em consonância com esses discursos, a tese defendida por Arendt (2013) é a de que no mundo moderno houve o desaparecimento de praticamente todas as autoridades tradicionalmente estabelecidas, então, o que há são (re)arranjos, (re)significações das novas formas de autoridade.

Esse possível deslocamento da autoridade refletiu marcadamente no campo educacional e o professor da modernidade é um sujeito que vivencia essas transformações, que a um só tempo refletem e refratam na imagem coletiva desse profissional.

Com intuito de explicar a configuração social ocidental moderna, diferente dos dias atuais, Freud em Totem e Tabu (1913-1914) narra a relação do indivíduo com seus pares, num movimento de irmandade, na horda primeva, cujo assassinato do violento pai, figura desejada e temida ao mesmo tempo, é festejado pelo grupo, e cada membro, ao devorá-lo, incorpora uma parcela de sua força e de seu poder. Para Freud, há um misto de sentimentos dos irmãos da horda primeva;

Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo - pois os acontecimentos tomaram o curso que com tanta frequência os vemos tomar nos assuntos humanos ainda hoje. (FREUD, [1913-1914] Vol. 13, p. 102)

O lugar do pai morto, embora desejado pelo grupo, deve ser sempre um lugar vazio, uma vez que a sua ocupação é sempre sob ameaça de destituição, assim, a sociedade de irmãos só se instaura na relação de igualdade, cuja figura do pai morto, representante dos valores, das leis que organizam o processo civilizatório, deve ser reverenciada, evocada por todos, mas nunca substituída por algum membro do grupo.

Há, portanto, uma aliança estabelecida entre os “filhos” da horda pela qual se devia renunciar ao poder do pai, às mulheres da comunidade. Sobre esse aspecto Freud ([1920-1923], 2011, p. 84) destaca “que o desenvolvimento do totemismo, o qual traz em si os começos da religião, da moralidade e da organização social, está ligado ao violento assassinio do chefe e a transformação da horda paterna em uma comunidade de irmãos”.

Freud recorre também ao mito de Édipo para discorrer sobre a “lei do pai” que interdita a criança e, conseqüentemente, o faz renunciar à satisfação pulsional, à prática do incesto, promovendo a perda de gozo. O supereu, representante da lei, da moral, opera de modo que o sujeito viva sempre à sombra do pai, sendo o sujeito, então, vigiado, controlado por essa estrutura psíquica que o constitui.

Lacan, por sua vez, diferentemente de Freud cuja leitura sobre o pai privilegia a instância simbólica – tendo-o como responsável por instaurar a cultura, a Lei, discorre sobre o pai levando em consideração o real, o simbólico e o imaginário. Segundo Lacan, o pai é uma metáfora, isto significa dizer que ele se apresenta como significante sempre no lugar de outro significante, ainda, “um nome do pai, seja ele qual for,” (LACAN, 2008a) é forjado, mesmo que temporariamente, pela via da linguagem, logo, “que o pai morto seja o gozo, isto se apresenta a nós como sinal do próprio impossível [...] o real é impossível [...] aí reconhecemos, com efeito, para além do mito de Édipo, um operador, um operador estrutural, aquele chamado de pai real” (LACAN, p. 130, 2008a). Além

disso, para Lacan a castração se dá pela via da linguagem e não pela metáfora paterna, já que ele (pai) só o é castrado.

Na contemporaneidade, o pai da lei, da tradição, da família patriarcal parece ter perdido forças, cedendo lugar à pluralização de novos “modelos” da figura paterna - pai instituído pelo exame de DNA, pelas leis jurídicas, pai fabricado pelos bancos de espermas, etc. –; “só conhecemos a função paterna a partir de modelos realizados por ela” (LAURENT, 2007, p. 77), isto significa dizer que não é possível abarcar um todo, mas apenas o “um a um” das várias possibilidades de ser um pai. O que temos, então, são “versões do pai”, nomes do pai.

Sob essa perspectiva, há novas estruturas hierárquicas, novas formas de fazer laço social, se no século XX o pai assumia a imagem de “ideal identificatório”, totalitário, organizador dos laços sociais, cujas decisões se concentravam nele, na contemporaneidade a imago paterna não suporta mais essa função de todo-poderoso.

Freud ([1920/1923], 2011) deixa claro que o estabelecimento do laço emocional com outro indivíduo pode acontecer tanto enquanto expressão de carinho quanto de rejeição. Para esse autor, o individual e o coletivo são interligados numa relação de interdependência entre os membros de um grupo cuja identificação se dá pelo consenso emocional.

Cada indivíduo é um componente de muitos grupos, tem múltiplos laços por identificação, e construiu seu ideal do Eu segundo os mais diversos modelos. Assim, cada indivíduo participa da alma de muitos grupos, daquela de sua raça, classe, comunidade de fé, nacionalidade etc., e pode também erguer-se além disso, atingindo um quê de independência e originalidade. (FREUD, [1920/1923], 2011, p. 92)

Ancorada nessa proposição, pode-se pensar o processo de subjetivação como resultado do entrelaçamento do sujeito e do coletivo, do individual e do social, de aspectos psíquicos e sociais, das relações do indivíduo com diferentes grupos sociais, com diferentes discursos. A noção de alteridade é essencial para se pensar o ser humano, pois ele se constitui nas relações com o outro, em que a linguagem assume o papel de mediadora desse processo de interação.

É preciso reconhecer que mesmo esse outro tendo a faculdade de se inscrever, de habitar o sujeito, ele deixa de fazê-lo na íntegra, uma vez que a forma como cada um se

apropriada do discurso do outro para se constituir é individual, única. Nesse sentido, o discurso deixa de ser do outro e passa a ser o significado que o sujeito atribui a esse discurso.

Considerando essas questões apresentadas em relação à cena histórica e social na qual os professores participantes desta pesquisa se encontram inseridos, a seguir exporemos algumas falas desses professores que parecem reforçar o imaginário de docência que vivencia um momento de decadência no que se refere ao status social e financeiro da profissão.

Ser professor na atualidade; eis a questão

Alguns elementos linguísticos são recorrentes nos dizeres dos professores – *difícil, desafiador, perda da imagem de professor do passado, professor não é valorizado, desestímulo, frustrações, violência, falta de preparo, alunos que passam de ano sem saber* -, e exprimem o que é ser professor nos dias de hoje, destacando a nostalgia de um tempo em que o professor era aquele que estava no “centro” da relação professor-aluno, apoiada na crença de enfraquecimento da imagem de professor do passado; mestre respeitado socialmente, dono do saber, digno de valorização social, conforme ilustrado no recorte discursivo a seguir;

Professora 1: É um desafio hoje é:: muito difícil é né nós temos muitas dificuldades a serem enfrentadas (...)hoje tá muito difícil principalmente é/né na indisciplina os alunos perderam meio que assim a/os valores estão meio invertidos né os alunos se sentem muito o centro de tudo TUDO tem que ser muito tudo é em volta deles é por eles né até porque virou assim né até é:: **acho que um problema social o professor perdeu né aquela imagem né do professor ele não é VALORIZADO do jeito que deveria ser. (...)**

Os modos de dizer dos professores estão atravessados por discursos que apontam perda de prestígio e desvalorização da profissão, corroborando para a construção da imagem de declínio da função de professor na contemporaneidade. O saber-fazer docente é construído e atualizado no curso do processo de subjetivação desse sujeito, no modo

como o professor se relaciona com os diferentes discursos que atravessam o seu fazer, com o outro com o qual se relaciona e com as circunstâncias de trabalho.

O ato de educar, conforme narrado pelos professores, apresenta-se como da ordem do incontrolável, num movimento de tensão entre o social (representado pelo governo) e o particular (de cada aluno, do professor) que parece ser próprio da prática docente, já que esse fazer é atravessado por condições adversas do dia a dia (violência) e próprias das relações humanas.

Para Freud ([1937]1980), educar é uma atividade profissional da ordem do impossível juntamente com as profissões de governar e de curar. O impossível não está no nível do irrealizável, mas da possibilidade de ter que lidar com as frustrações, com o novo sempre, nas palavras desse autor, “daquelas profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios” (FREUD, [1937] 1980, p. 160).

É recorrente o posicionamento discursivo que destaca que eles (os professores) por um lado precisam lidar com as exigências das políticas educacionais, do sistema educacional, e, por outro, com as contingências de sala de aula, com o caráter incoercível do fazer docente, das relações estabelecidas no processo de ensino-aprendizagem, da dificuldade de medir prontamente os resultados do seu trabalho, conforme pode se observar no dizer de um professor;

Professor 2: Difícil (ri) difícil (ri) eu/ eu gosto. **Por causa das frustrações ter que passar aluno sem saber porque nós temos que passar né o governo exige** isso da gente então isso é frustrante aí **isso desestimula a gente. (...) A imagem que eu tenho é que ninguém quer ser professor hoje** ninguém quer ser justamente **por causa da violência né e das frustrações de a gente ter que passar aluno sem saber** o aluno tá no ensino médio às vezes sem saber ler e escrever direito sem saber ler e escrever corretamente.

Há uma regularidade discursiva que reitera um posicionamento de desautorização, de descrédito do ofício docente. O modo do professor se relacionar com o saber, na atualidade, ganhou novos contornos, já que, numa sociedade que oferece múltiplas possibilidades de acesso à informação, de produção do saber, o professor deixou de ser o único condutor, controlador desse saber. A organização da sociedade contemporânea coloca o professor frente a sua impotência e o convoca a fazer diferente para suportar o que poderíamos chamar de “mal-estar”.

No recorte discursivo abaixo, o professor narra um possível paradoxo em relação à formação dos professores; se do ponto de vista teórico-metodológico, temos sempre uma variedade de teorias sobre educação, de discursos de políticas pedagógicas que nos convidam constantemente a experimentar o novo, num movimento de impulsionar o nosso fazer pedagógico, em relação à prática, temos a apatia dos alunos, o modelo de escola defasado, obsoleto, a falta de estrutura física e até psíquica para realização do trabalho docente.

Professor 3: (...) outra questão que a gente vê que é **CLARO** no ensino é que essas pessoas que estão hoje na **educação elas não estão preparadas pra estar na educação também porque curso de pedagogia hoje não ajuda as escolas não formam professores ela forma na teoria mas na prática ninguém** (...) e outra coisa o aluno não tem estímulo nenhum a ser professor hoje que aluno **que quer ser professor só se ele for louco** pra viver essa situação que a gente tá vivendo hoje entendeu?

Como se observou, há um interdiscurso, um já dito antes em outro lugar, sobre o desencontro entre discurso teórico e prática de sala de aula que atravessa os dizeres dos professores e denuncia, de certo modo, a fragilidade do discurso da Ciência que se mostra incapaz de apresentar todas as respostas para as incertezas, os questionamentos dos docentes.

Os dizeres dos professores se apresentam atravessados pela imagem socialmente cristalizada de que o passado é sempre melhor do que o presente, logo, na educação não poderia ser diferente, nesse sentido, acredita-se que os professores da atualidade não são bons o suficiente para assumir essa função social. Isso nos permite inferir que há um modelo ideal de professor discursivamente instituído em algum momento da história da educação que corresponde a uma certa imagem de “bom” professor, aquele que se encontra “preparado” para exercer a profissão. Tal imagem parece desconsiderar a singularidade do sujeito que precisa criar sempre maneiras únicas, próprias, originais de realizar o seu fazer docente.

A seguir, no dizer do professor 4, verifica-se que numa sociedade capitalista orientada pela produção e consumo em larga escala, as demandas dos alunos, dos discursos pedagógicos, das políticas educacionais exigem que os professores, também implicados nessa lógica capitalista, assumam diferentes posições sociais que sejam capazes de responder de forma eficiente todas elas.

Professor 4: Professor é o que eu repito novamente na verdade **eu professor fica muito acho pra mim muito restrito então eu prefiro falar educador** então eu acho assim é::: nos dias atuais ser professor é um grande desafio (...) o professor começa **a abraçar tudo isso nós somos professores nós somos psicólogos nós somos amigos às vezes nós somos pais** então por isso eu acho assim o **educador ele é tudo isso então eu sou educadora porque eu abraço causas de famílias problemas de aluno relação pai e filho** é aluno escola aluno com outros funcionários.

Essa relação entre ser professor e ser educador parece ancorada na memória discursiva de políticas educacionais que tratam de um novo modelo de educação cuja imagem de professor está vinculada à ideia de um fazer docente que considera as relações afetivas, os valores sociais, as relações intersubjetivas – professor e aluno. Tal aspecto nos convida a questionar esses dizeres, sobretudo dos discursos da educação, que se encarregam de produzir uma distinção entre ser professor e ser educador, cujo efeito, talvez, seja o de dismantelar a autoridade de professor, como se este termo fosse “incapaz” de abarcar o significado de ideal esperado para o exercício da profissão.

Por fim, verifica-se que os professores ao narrarem sobre a profissão docente, sobre o fazer em sala de aula, num jogo discursivo entre o já dito (interdiscurso) e o que será dito (intradiscurso), vão dizendo dos seus modos de enfrentamento da profissão, dos estilos próprios de cada um para lidar com a docência. A imagem do professor sobre si é construída sempre na relação com o outro, isto é, o significado que atribuímos às relações sociais se apresenta como marca registrada de cada um, num processo de subjetivação, em que a linguagem se apresenta como espaço de construção de sentido para as relações, de manifestação do laço social.

Conclusão

A tentativa de trazer à luz alguns discursos de professores, mesmo tendo ciência da impossibilidade de alargar a discussão em relação a uma questão tão complexa, teve o intuito de instigar o debate sobre o sujeito professor na contemporaneidade, considerando a urgência de ouvirmos esses sujeitos que se encontram inseridos numa trama discursiva reforçada pela queixa de “mal-estar” docente, pelos altos índices de afastamento de

professores por adoecimento, pelo sentimento de que houve um declínio da imagem de professor, pela desvalorização financeira, pela violência ocorrida nas escolas, dentre outros aspectos.

Em face das mudanças ocorridas e que estão ocorrendo na sociedade contemporânea - os modos das pessoas se relacionarem, o deslocamento da autoridade, as diferentes formas de se relacionar com o saber, o império do novo -, cabe ao professor criar maneiras de lidar com a profissão docente, considerando que se se trata de uma profissão relacional e, portanto, incapaz de sustentar uma receita sobre ser professor que dê conta das contingências do dia a dia da profissão. Vale ressaltar as palavras de Pereira (p. 200), que propõe como saída para o impossível da docência “que o ato de educar seja mais provisório do que absoluto, muito mais contingente do que necessário, muito mais circunstancial do que planejado”, pois, “o vigor dos mestres, ou a sua estilística, depende muito dessa condição provisória; algo que seja intuído, antes de analisado, experimentado, antes de descrito” (2008, p.201).

Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. [Tradução Mauro W. Barbosa]. 7ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2013.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 10 ed. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Fonte Digital base. Digitalização da edição em pdf originária de www.geocities.com/projetoperiferia ©2003

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu** [1913-1914]. In: Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição eletrônica Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago (1969-1980);

FREUD, Sigmund. [1920-1923]. **Psicologia das massas e análise do eu**. In: Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 15. Companhia das Letras. São Paulo, 2011);

LACAN, Jacques [1968-1969]. Seminário, livro 16: **De um outro ao outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

LACAN, Jacques [1972-1973]. Seminário, livro 20: **Mais, Ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

LAURENT, Éric. **A sociedade do sintoma; a psicanálise hoje**. [Tradução; Vera Avellar Ribeiro]. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4ª edição. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4ª edição. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Estrutura ou acontecimento**. 6 ed., Campinas, SP, Pontes Editores, 2012.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **A impostura do mestre**. Belo Horizonte. MG: Argvmentvm, 2008

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **A subjetividade docente em tempos de crise de autoridade**. IX Congresso Nacional de Psicologia e Educacional ABRAPEE. Universidade Presbiteriana Mackenzie. ISSN 1981-2566, p. 1-18/ 2009